

## Resenha

---

MORIN, Edgar. *Amor, Poesia, Sabedoria*. Tradução Edgard de Assis Carvalho. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

### Tessitura entre amor, poesia, prosa e sabedoria

#### Marilza Vanessa Rosa Suanno

Doutora em Educação pela Universidade Católica de Brasília (2015). Doutorado sanduíche realizado na Universidade de Barcelona (2011/2012). Mestra em Ciências da Educação Superior pela Universidad de La Habana - Cuba (2003) revalidado em Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2006). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás (1994). Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás - UFG. Membro dos Grupos de Pesquisa: a) ECOTRANS - Ecologia dos Saberes e Transdisciplinaridade (UCB-DF); b) Rede Internacional de Ecologia dos Saberes - RIES (Universidade de Barcelona/UB); c) Rede Internacional de Escolas Criativas: construindo a escola do século XXI - RIEC (Coord. UB/Espanha e Unibave/Brasil); d) Núcleo de Formação de Professores da Faculdade de Educação (UFG), cadastrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, CNPq. Link do Currículo

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/776117519324293>.

[marilzasuanno@uol.com.br](mailto:marilzasuanno@uol.com.br)

*Amor, Poesia, Sabedoria* (MORIN, 2008) é uma obra composta por três capítulos intitulados: 1) O complexo de amor; 2) A fonte de poesia e 3) Necessária e impossível sabedoria, na qual se encontram compiladas três conferências proferidas pelo autor entre 1990 e 1995, em Grenoble, Strouga e Paris.

Para Edgar Morin a vida é um tecido mesclado de prosa e poesia, de estado prosaico e poético, e para *civilizar as relações humanas* seria preciso construir caminhos para a compreensão humana, a auto ética, a autocrítica, enfim seria preciso *aprender a viver*<sup>1</sup> para além de sobreviver. O autor propõe que se construa novos caminhos para a vida, para a humanização, civilização<sup>2</sup> e formação humana.

---

<sup>1</sup> Para aprofundamento consultar: MORIN, Edgar. *Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação*. Tradução Edgard de Assis Carvalho & Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

<sup>2</sup> De acordo com Edgar Morin (2011) necessitamos formar pessoas que tenham consciência de que fazemos parte de uma comunidade de destino da espécie humana, e para tal necessitamos de uma *política de humanidade* pautada nos conceitos de Terra-Pátria, cidadania planetária, humanismo planetário, governança global e, em outra lógica político-econômica, capaz de promover simultaneamente processos de globalização e desglobalização; crescimento e decrescimento; desenvolvimento e involução; transformação e conservação. E propõe que façamos uma metamorfose, uma *política de civilização*, pautada na qualidade de vida, na solidariedade, nas necessidades poéticas e estéticas no ser humano, no bem-estar, em sentido existencial, que permita que “[...] floresça o mais que humano em nós (Caetano Veloso – Música Tá Combinado)”. Uma política de civilização capaz de garantir dignidade humana e diversidade cultural, assim como, fomentar política de qualidade de vida; política de convivência; política ecológica; política de solidariedade; por meio da

Morin (2008) apresenta reflexões que valorizam a arte, metaforicamente representada pela poesia. Vale destacar que, a arte oportuniza fruição e conhecimento, de tal modo possibilita a construção de interpretações, análises e compreensões sobre a vida, sobre temáticas e sentimentos, o que pode potencializar a humanização das pessoas. De tal modo, o direito ao acesso à arte (poesia, literatura, música, dança, teatro...) têm potencial sensível e formativo para 'ajuda a viver' (TODOROV, 2009)<sup>3</sup>, pois a arte dá forma à percepções, emoções e visões de mundo, assim, expressam culturas, pensamentos, sentimentos e retratam a sociedade que a produz, tendo potencial humanizador e emancipador.

O acesso à arte produz encontro e experiência que pode possibilitar o conhecimento do outro e o autoconhecimento; a crítica e a autocrítica; o que pode aproximar empaticamente os seres humanos e favorecer a compreensão humana e a compreensão da condição humana, uma vez que, compreensão implica identificação, projeção, reconhecimento e empatia.

O estado poético pode potencializar a formação do humano e a reforma do pensamento para aprender a viver; aprender a viver bem; aprender a pensar complexo e ampliar a consciência. Assim, Morin propõe que se religue prosa e poesia, que se articule trabalho/sobrevivência e arte/estado poético/percepção sensível. A obra propõe metaforicamente o desafio de articular prosa e poesia, pois *sentipensar*<sup>4</sup> poderia promover o humanecer e a compreensão do humano.

No prefácio da obra Morin (2008) apresenta sua *concepção de ser humano* compreendido como sujeito complexo e multidimensional, do gênero *homo*, que, simultaneamente, é qualificado como *sapiens, demens, ludens, mythologicus e faber*, ou *seja*, concomitantemente um ser dotado de razão e desrazão; amor e ódio; loucura e temperança; discernimento e descomedimento, enfim, um ser humano biológico, cultural, social, histórico, cognitivo, enigmático e mitológico, de tal modo,

---

cidadania planetária e da sustentabilidade do planeta. Para aprofundamento consultar: MORIN, Edgar. *La Vía*. Para el futuro de la humanidad. Tradução Núria Petit Fontseré. Barcelona: Paidós, 2011.

<sup>3</sup> TODOROV, Tzvetan. Literatura em perigo. Rio de Janeiro: Difel, 2009. Disponível em: [http://stoa.usp.br/brunafs/files/-1/16098/Todorov\\_A+literatura+em+perigo.pdf](http://stoa.usp.br/brunafs/files/-1/16098/Todorov_A+literatura+em+perigo.pdf) Acesso em: 20/03/2017.

<sup>4</sup> Sentipensar (MORAES e TORRE, 2004) é uma estratégia didática que favorece a sensibilização do sujeito na relação com o conhecimento, no intuito de articular *pensamento complexo, emoção e razão sensível*, o que pode favorecer a autoaprendizagem e a ecoaprendizagem. Para aprofundamento consultar: MORAES, Maria Cândida & TORRE, Saturnino de la. *Sentipensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

constituído por razão, emoção, corporeidade, objetividade, subjetividade, afetividade, imaginação e criatividade. Para o autor, estamos condenados ao paradoxo entre a consciência da vacuidade do mundo e a plenitude que nos proporciona a vida.

Ao religar amor, poesia e sabedoria se reconhece o *amor* como o *ápice* da loucura e da sabedoria, por se interpenetrarem mutuamente. “O amor é *complexus*, algo que tenta fraternizar vida e morte, recalque e desejo (CARVALHO, 1998<sup>5</sup>)”, articulado por ordens/desordens/reorganizações entre loucura e sabedoria.

O autor utiliza o termo *prosa*, em sentido metafórico, como atividades práticas, técnicas e materiais que são necessárias à existência, a sobrevivência e a *poesia* como expressão literária, como aquilo que nos coloca num *estado segundo do ser*, um estado poético, produzido pela ação, participação, fervor, gozo, exaltação e, obviamente, amor. Para Morin (2008) o estado poético *transporta o ser humano* por meio da loucura e da sabedoria assim, a *poesia* possibilita a transcendência da sabedoria e da loucura. A obra propõe que aspiremos *viver o estado poético* e ir além do penoso e limitado estado prosaico. “A prosa que ordena a chatice compulsória do real e a poesia que instaura o gozo sem amarras do imaginário (CARVALHO, 1998)”. Prosa e poesia foram intimamente entrelaçados nas sociedades arcaicas.

Morin (2008) argumenta que *sabedoria* pode problematizar o amor e a poesia, e esses podem reciprocamente problematizar a sabedoria. O ser humano ao buscar o sentido da vida precisa compreender que esse “não é originário, não provém da exterioridade de nossos seres, mas emerge da participação, da fraternização, do amor. A qualidade suprema da vida encontra sentido no amor e na poesia”.

A obra motiva a permanente busca da complementaridade e do antagonismo entre poesia-prosa, amor-poesia, sabedoria-racionalidade, sabedoria-loucura, ousadia-prudência, desprendimento-apego. Para o autor, a sabedoria contém em si uma contradição, pois “é inteiramente loucura viver muito sabiamente. Devemos reconhecer que na loucura, que é o amor, há a sabedoria do

---

<sup>5</sup> CARVALHO, Edgard de Assis. Orelha do livro: MORIN, Edgar. Amor, Poesia, Sabedoria. Tradução Edgard de Assis Carvalho. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

amor. No amor da sabedoria, ou da filosofia, falta amor. O importante na vida é o amor. Com todos os perigos que ele contém (MORIN, 2008, p. 11).”

O primeiro capítulo *O complexo de amor* trata do que é *tecido de amor* em sua multiplicidade de componentes, por um lado o componente físico, biológico, ou seja, o *ser corporal*, não reduzido ao componente sexual. Por outro lado, o *componente mitológico e imaginário*, ou seja, uma profunda realidade humana, moduladas pelas culturas e sociedades. Na tessitura do amor entrelaçam-se componentes físicos-biológicos e antropológicos-mitológicos.

O autor argumenta que no amor há um paradoxo, o “*amor* enraíza-se em nossa corporeidade e, nesse sentido, pode-se dizer que o amor precede a palavra. Mas o amor encontra-se, ao mesmo tempo, enraizado em nosso ser mental, em nosso mito, que evidentemente, pressupõe a linguagem, e nesse sentido, pode-se dizer que o amor decorre da linguagem. O amor, simultaneamente, procede da palavra e precede a palavra (MORIN, 2008, p. 17). ”

*A fonte de poesia* é o segundo capítulo da obra no qual o autor apresenta que o futuro da poesia está em sua fonte e essa se perde nas profundezas humanas, na subjetividade, na linguagem simbólica, ou seja, no estado poético. E aponta para a simultaneidade e complementaridade humana entre o estado prosaico e o estado poético, “**poesia-prosa constituem, portanto, o tecido de nossa vida** (MORIN, 2008, p. 36). ” Rememora o autor que nas sociedades arcaicas, trabalho e *ritos de encantamento* se entrelaçavam, e nas sociedades contemporâneas ocidentais ocorreu a disjunção entre o estado prosaico e o estado poético.

Na atualidade, para esse autor, seria possível **civilizar as relações humanas** acerca do nosso planeta e, também, promover **o diálogo entre ciência e poesia**, pois a ciência tem se reaproximado de problemas filosóficos fundamentais como: o que é o ser humano? Qual é o seu lugar? Qual é o seu destino? O que se pode esperar dele?

Já no capítulo *Necessária e impossível sabedoria* o autor questiona se os saberes da vida consistem em desligar-se dos prazeres ou de saber usufruir deles. E analisa que os modelos de sabedoria contêm em si regras de vida e aponta que na atualidade se amplia a *consciência dos limites* da relação humana com natureza e do

momento histórico de *transição* que vivemos, o que marca o vazio nas vidas, sendo este intensificado pela lógica individualista.

O autor analisa que o individualismo está longe de nos trazer paz interior, esse possui uma face de: liberdades, autonomias e responsabilidades; mas possui também outra face sombria que se amplia entre nós: a atomização, a solidão, a angústia. “Juntos, descobrimos que as relações entre nossas almas, espíritos (mentes) e corpos encontram-se perturbadas. (MORIN, 2008, p. 43).” Assim, muitas pessoas têm buscado paz interior em práticas meditativas orientais, em novas relações corpo-alma-espírito, em terapias e psicanálises, em esforços reflexivos de autocrítica, autoconhecimento e busca pela ampliação da consciência, em novas relações entre ser humano-natureza-sociedade.

Morin por reconhecer os traços constitutivos da complexidade do ser humano e da realidade argumenta em favor da articulação entre razão, sabedoria, afetividade e emoção, e assim amplia o conceito de *homo sapiens* ao propor a percepção da condição *homo sapiens-demens*, um ser auto-eco-organizador, capaz de ordem, desordem e reorganização que redimensiona e ressignifica a vida, o conhecimento e a própria existência.

De tal modo, Morin indaga “O que é uma vida racional? Não há critério racional para defini-la (MORIN, 2008, p. 54).” Distingue racionalidade e racionalização e continua sua indagação: “ser racional não seria, então, compreender os limites da racionalidade e o mistério do mundo? A racionalidade é uma ferramenta maravilhosa, mas há coisas que excedem o espírito humano (MORIN, 2008, p. 57)”. Assim, o autor abre-se para além da razão.

O autor questiona se a pesquisa da *sabedoria perdida* deveria ser guiada pela razão, e aponta que essa não seria suficiente, uma vez que, para Morin (2008), **a vida é um tecido mesclado de prosa e de poesia.**

O autor resume que a poesia é a estética, o amor, o gozo, o prazer, a participação e, no fundo, é a vida! E questiona: mas o que é uma vida racional? Implica levar uma vida prosaica? “Loucura! Mas somos parcialmente obrigados a isso, porque se tivéssemos uma vida permanentemente poética, não a sentiríamos

mais. É-nos necessária a prosa para que possamos ressentir a poesia” (MORIN, 2008, p. 59-60).

Na vida não há receitas, não há regras, mas não podemos prescindir da dialógica, da polaridade e da complementaridade prosa-poesia. A sabedoria, para Morin (2008) reside no **caminho da ética e da compreensão humana e poderia ser buscada na auto ética, na autocrítica**, na ética da compreensão, no esforço meditativo de introspecção e de ampliação da consciência de si. Há na sabedoria uma contradição, pois é loucura viver muito sabiamente, no entanto é na loucura que reside o sábio amor e com ele seus perigos.

O livro Amor, poesia, sabedoria (MORIN, 2008) é um convite a reflexão sobre a vida.